

I

Pouco importa o que causara a observação dela que o perturbara no decorrer das palavras que trocavam, e que fora provavelmente qualquer coisa que ele próprio dissera sem intenção, qualquer coisa que dissera enquanto os dois se demoravam andando ao lado um do outro lentamente, depois de ali se terem voltado a encontrar. Chegara uma ou duas horas antes à casa onde ela estava hospedada, conduzido por alguns amigos; um grupo, do qual fazia parte, de visita a uma outra casa, e que confortava a sua convicção de poder passar despercebido no meio deles, fora convidado para almoçar. A seguir ao almoço, os presentes tinham-se dispersado muito, tendo em atenção o primeiro propósito que os trouxera: visitar Weatherend e as coisas preciosas, características únicas, quadros, legados familiares,

toda a espécie de tesouros artísticos, que tornavam aquele lugar quase célebre; e as grandes salas eram tão numerosas que os convidados podiam deambular por elas à vontade, afastando-se do grupo principal, enquanto os mais seriamente interessados se entregavam a misteriosas avaliações e medidas. Viam-se alguns que, sós ou aos pares, se debruçavam a observar certos objectos em cantos recatados, com as mãos nos joelhos, aquiescendo insistentemente com a cabeça, como que sob o efeito de um aroma excitante. Quando formavam um par, misturavam as suas exclamações extasiadas, ou mergulhavam em silêncios ainda mais significativos, de tal modo que, sob certos aspectos, a ocasião se assemelhava à “vista de olhos” que, antes de um leilão largamente publicitado, excita ou desencoraja o sonho de aquisição. Em Weatherend, o sonho de aquisição seria de facto uma loucura, e John Marcher deu por si, por efeito das suas impressões, desconcertado quase na mesma medida tanto pela presença dos que sabiam de mais como pela dos que nada sabiam. As grandes salas sobrecarregavam-no com um tal peso de poesia e de história que ele sentiu necessidade de se afastar um pouco para as apreciar melhor, embora esse impulso que o tomara nada tivesse de parecido com a voracidade de um outro dos seus companheiros ao

agitar-se como um cão que fareja a porta de uma despensa. Foi assim que rapidamente procurou maneira de se escapar numa direcção que não calculara.

O que, em suma, nessa tarde de Outubro, o levou ao encontro de May Bartram, cujo rosto, quando sentados à mesa muito comprida em que tinham ficado muito longe um do outro, lhe recordara qualquer coisa que não chegava a ser bem uma recordação, não lhe causara mais do que uma impressão bastante agradável. Tocara-o como se continuasse alguma coisa da qual perdera o início. Sabia que era uma continuação, e reconhecia que lhe causava prazer, mas não sabia o que era que continuava, e isso interessava-o ou divertia-o ainda mais porque entretanto pressentia que a jovem mulher, embora sem lho mostrar claramente, também não perdera o fio dessa meada. Não o perdera, mas não lho mostraria, dava-se agora conta, a menos que ele mesmo estendesse a mão para o agarrar; e dava-se conta de que não só assim era, como também de várias outras coisas, coisas bastante estranhas uma vez que, quando o acaso no meio do grupo dos outros os fizera encontrarem-se, ele alimentava ainda a ideia de que no passado não tivera importância qualquer contacto entre os dois. E, se não tivera importância, era-lhe difícil compreender por que motivo parecia

tê-la agora a impressão actual que ela lhe causava; mas a resposta seria com certeza que, dada a vida que todos pareciam entretanto levar, não lhes restava senão aceitar as coisas tal como acontecia que fossem. Agradava-lhe, sem ser minimamente capaz de dizer porquê, que a jovem mulher parecesse ocupar naquela casa o lugar de uma parente pobre; e agradava-lhe do mesmo modo que não estivesse ali somente de passagem, simplesmente de visita, mas fizesse mais ou menos parte da casa — quase como uma empregada remunerada. Não se diria beneficiar de uma espécie de protecção, que retribuía ajudando, entre outros serviços, a mostrar a casa e a encarregar-se de guiar os maçadores de visita, respondendo às suas perguntas sobre as datas marcantes da história do edifício, o estilo dos móveis, a autoria dos quadros, os descatos favoritos dos fantasmas? Não era que tivesse o ar de alguém que se pudesse gratificar com alguns xelins — era impossível vê-la nesse papel. E contudo, quando finalmente veio ter com ele, inconfundivelmente bela, embora bastante mais velha — mais velha do que quando a vira pela primeira vez —, foi como se tivesse adivinhado que, naquelas duas horas, a sua imaginação se ocupara mais dela do que de todos os outros juntos, e penetrara assim uma espécie de verdade que

os outros eram demasiado estúpidos para alcançar. Ela *estava* ali numa situação mais difícil do que ninguém; estava ali devido a coisas sofridas, de uma maneira ou de outra, ao longo dos anos; e lembrava-se dele tal como ele se lembrava dela — só que bastante melhor.

Quando finalmente começaram a falar, estavam só os dois numa das salas — notável pelo belo retrato pendurado por cima do fogão — que os outros já tinham deixado para trás, e fora de facto encantadora a maneira como, antes ainda de começarem a falar, tinham praticamente combinado ficar para trás a conversar. Encantadoras, felizmente, eram também outras coisas — como em quase não haver em Weatherend lugar onde não se justificasse ficar-se para trás a admirar isto ou aquilo. Era a maneira como o dia de Outono penetrava pelas janelas enquanto se desvanecia; a maneira como a luz vermelha, que subia do poente sob um céu baixo e sombrio, entrava num longo raio e brincava sobre antigos painéis de madeira das paredes, sobre as antigas tapeçarias, sobre os antigos dourados, as antigas cores. Era sobretudo talvez a maneira como ela vinha ter com ele, como se o facto de ela estar ali para se ocupar dos visitantes com menos importância lhe permitisse a ele optar por minorizar o que se passava, tomando a calma atenção que ela lhe